

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 20 | Número 3 | set-dez/2021

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v20i3.13119

ISSN: 2763-8804

Organização

Jênifer de Brum Palmeiras

Tiara Cristina Pimentel dos Santos

A prática cultural do responso em Mostardas/RS

Sabrina Machado Araujo¹  

Ronaldo Bernardino Colvero²  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Google Scholar

Referência

ARAUJO, Sabrina; COLVERO, Ronaldo. A prática cultural do responso em Mostardas/RS. *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 20, n. 3, p. 42-59, set-dez./2021. Semestral.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas (PPGMP-UFPEL), desenvolvendo pesquisa na linha de Memória e Identidade Social sobre a prática cultural do "Responso", em Mostardas/RS. Bacharela em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e licencianda em História pela mesma instituição. Bolsista Capes.

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2003). Graduado em Estudos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998). Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professor associado na Universidade Federal do Pampa.

A prática cultural do responso em Mostardas/RS

Resumo

A proposta deste artigo é compartilhar as considerações iniciais da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, que tem como tema central a prática do Responso em Mostardas, Rio Grande do Sul. Trata-se de uma prática cultural comum no município, que implica em encontrar coisas perdidas. É necessária a figura do(a) “responsador(a)”, uma pessoa que através da sua fé intercede para que outra pessoa encontre um objeto ou animal perdido. Essa prática faz parte da cultura de Mostardas, constituindo uma tradição que é passada através das gerações e que, por isso, pode ser compreendida enquanto um Patrimônio Cultural Imaterial. Atravessam a pesquisa os conceitos de memória e patrimônio, sendo a História Oral a principal metodologia utilizada na coleta de dados.

Palavras-chave: História Oral. Mostardas. Responso.

La práctica cultural del responso em Mostardas/RS

Resumen

El propósito de este artículo es compartir las consideraciones iniciales de la investigación de maestría que se está desarrollando en el Programa de Posgrado en Memoria Social y Patrimonio Cultural de la UFPel, que tiene como tema central la práctica del Responso en Mostardas, Rio Grande do Sul. Es una práctica cultural común en el municipio, que consiste en encontrar cosas perdidas. Requiere la figura del "responsador(a)", persona que intercede por fe para que otra persona encuentre un objeto o animal perdido. Esta práctica forma parte de la cultura de Mostardas, constituyendo una tradición que se transmite de generación en generación y que, por tanto, puede entenderse como Patrimonio Cultural Inmaterial. Atraviesan la investigación los conceptos de memoria y patrimonio, siendo la Historia Oral la principal metodología utilizada en la recogida de datos.

Palabras clave: Historia Oral. Mostardas. Responso.

The cultural practice of responso in Mostardas/RS

Abstract

The purpose of this article is to share the initial considerations of the master's research being developed in the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage at UFPel, which has as its central theme the practice of Responso in Mostardas, Rio Grande do Sul. It is a common cultural practice in the municipality, which involves finding lost things. It requires the figure of the "responsador(a)", a person who, through faith, intercedes for another person to find a lost object or animal. This practice is part of Mostardas culture, constituting a tradition that is passed on through generations and that, therefore, can be understood as an Intangible Cultural Heritage. The concepts of memory and heritage cross the research, and Oral History is the main methodology used in data collection.

Keywords: Oral History. Mostardas. Responso.

Mostardas é uma cidade do litoral gaúcho, grande em extensão territorial, 1.977,442km² e pequena na população, são 12.888 habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE para o ano de 2021. Nessa faixa de terra entre o mar e a Laguna dos Patos resistem muitas tradições, o Responso é uma delas. Associado à fé, crença popular, religiosidade e cultura, está presente no cotidiano dos moradores de Mostardas há um longo tempo. Mas, de onde vem? De que maneira se mantém atravessando geração após geração? Como se faz? Se aprende ou é um dom? Essas e outras inquietações constituem a pesquisa de mestrado aqui abordada. Ainda em fase inicial de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero e co-orientada pela Profa. Dra. Olivia Nery.

Conforme consta no Dicionário Oxford Languages, “Responso” é definido como: “oração que se dirige a Santo Antônio, para recuperar objetos desaparecidos”. Segundo Moisés Espírito Santo, Santo Antônio - de Lisboa, onde nasceu, ou de Pádua, onde morreu - é um santo católico, conhecido entre outros aspectos por encontrar objetos perdidos, roubados ou esquecidos (1990).

De acordo com as entrevistas de História Oral realizadas até o momento, o Responso consiste em um ato de fé, no qual o(a) responsador(a), com auxílio da oração de Santo Antônio ou não, intercede para que um objeto ou animal seja encontrado pela pessoa que o(a) procurou. Dessa forma, enquanto a oração do Responso pode ser realizada por qualquer pessoa, a prática de “responsar” demanda a existência da figura do responsador. Entre os responsadores ativos, predomina a existência de um “dom divinatório” ou “visão”, que os possibilita, na maior parte das vezes, descrever onde está o objeto perdido e identificar se for um caso de roubo. Por isso, o Responso é visto como uma prática “mágica” ou “mágico-religiosa”.

O principal objetivo da pesquisa é constituir um registro dessa prática cultural, buscando entender como funciona, delinear as semelhanças e diferenças que existem entre os diferentes responsadores e colher relatos de experiência de pessoas que já “mandaram responsar” objetos ou animais. A partir das discussões suscitadas no momento das entrevistas, esperamos que seja possível perceber a importância e valorização atribuídas pela população ao Responso e à preservação das memórias atreladas à prática. Além disso, pretendemos mensurar as percepções da comunidade acerca do papel cultural do Responso, que por ser algo que existe há muito tempo em Mostardas, se constitui enquanto uma prática

tradicional no município, havendo a possibilidade de ser caracterizado como um patrimônio cultural imaterial.

Revisão bibliográfica

Analisando o que há de produção e material sobre a prática do Responso, tal como existe em Mostardas, foram encontrados três artigos publicados, intitulados “Você sabe o que é responder? O responso de Joaquim de Azevedo era tiro e queda”, “Ver objetos perdidos é ‘dom’ que caminha para a extinção” e “Esqueceu onde está? Reza o “siqueris”!”. O primeiro conta um caso do “afamado responsador” Joaquim de Azevedo, residente no interior do estado de Tocantins. Havia acontecido o sumiço de uma quantia em dinheiro, a qual Joaquim de Azevedo “responso”. Ele informou onde estava escondido o dinheiro, que foi encontrado exatamente onde havia sido descrito. É utilizado o termo “poder especial e inexplicável” para se referir à prática de “fazer o responso”.

O segundo artigo é uma reportagem sobre o Responso no interior de São Paulo, onde diz que “atualmente, as pessoas que têm esse “dom” passam dos 40 anos e estão restritas às pequenas cidades ou atuam discretamente nos bairros das grandes e médias cidades”, tendendo ao desaparecimento. A matéria conta sobre o responso de dona “Rosinha”, “ela diz que a oração de Santo Antônio não estava surtindo o efeito desejado. Foi então que aprendeu e depois passou a usar a oração na linha do caboclo Vira Mundo.” E o terceiro fala sobre a tradição do Responso de Santo Antônio, conhecida como “Siqueris” na cidade de Flores da Cunha, RS, que foi trazida com os imigrantes italianos e constitui elemento essencial na cultura local.

Já sobre produções científicas, foi localizada a dissertação de mestrado de Cátia Simone da Silva Chaves (2014) intitulada “Lago do Segredo: Saberes e práticas educativas de uma rezadeira de Responso da Amazônia Bragantina (Segredinho-PA)”, defendida na Universidade do Estado do Pará. Neste trabalho Chaves disserta sobre os processos educativos de construção e transmissão de saberes culturais a partir das práticas rituais de uma rezadeira de responso e diz que o responso se trata de uma oração a determinado santo, não apenas Santo Antônio, rezada a fim de obter a realização de pedidos variados, tais como curas físicas e espirituais e também com o intuito de encontrar objetos, animais perdidos ou roubados.

A prática do responso também está presente na tese de doutoramento da historiadora Cláudia Daiane Garcia Molet intitulada “Parentescos, solidariedades e práticas culturais: estratégias de manutenção de um campesinato negro no Litoral Negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente)”. O trabalho de Molet versa sobre o campesinato negro,

no Litoral Negro do Rio Grande do Sul, investigando suas histórias e memórias de 1816 até o tempo presente e menciona o Responso em Mostardas como uma prática de oração a Santo Antônio “utilizada quando se perde um bem, como dinheiro ou um animal. Então, entra-se em contato com uma responsadeira que, por sua vez, conversa com Santo Antônio, pedindo que o objeto ou animal seja encontrado” (MOLET, 2018, p. 274).

Percebe-se que o Responso ainda não foi devidamente pesquisado, sendo bastante limitados os materiais encontrados publicados a respeito da prática devido à ausência de produções científicas que se debrucem exclusivamente, ou prioritariamente, sobre ela. No caso do trabalho de Molet (2018), há um não aprofundamento sobre o responso em Mostardas. Percebemos que o Responso é encontrado mais comumente em determinados municípios do interior ou bairros. Essa afirmativa está baseada nos trabalhos e textos jornalísticos localizados, e acima referenciados, que trazem casos de outras cidades.

O aporte teórico e metodológico

Em termos teóricos a pesquisa situa-se na interconexão de alguns campos do conhecimento. Tratando o Responso enquanto uma prática cultural do município de Mostardas com potencial reconhecimento enquanto patrimônio imaterial, torna-se bem delimitada a espacialidade e o quadro teórico da pesquisa que, dessa forma, está inserida nos campos do Patrimônio Cultural, da Memória e da História Local.

A História Local e a História Regional são frequentemente confundidas ou tidas como sinônimas, e de fato por vezes são, sendo chamadas de prima-irmãs (BARROS, 2013, p.3). Tanto na abordagem “local” quanto na “regional”, a “região”, o “local”, o “espaço” são inseridos de fato dentro da pesquisa, constituindo fator essencial, como é o caso nesta pesquisa. Assim:

Uma história, entre outros adjetivos, será uma “história local” no momento em que o “local” torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história deve fazer uma análise do local e do tempo que contextualiza os seus objetos, mas no sentido de que o “local” se refere aqui a uma cultura ou uma política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano. Pode-se dar ainda que, na História Local, o “local” se mostre como o próprio objeto de análise, ou então que se tenha em vista algum fator à luz deste “local”, desta “singularidade local. (BARROS, 2013, p.5)

Barros discute um ponto importante a ser pensado pelos historiadores locais ou regionais: “toda “região” ou “localidade” é necessariamente uma construção do próprio historiador” (2013, p.6). Nem sempre o “local” da pesquisa atenderá às delimitações

geográficas ou político-administrativas, o historiador pode criar sua própria área de pesquisa com base em critérios por ele estabelecidos de acordo com o tema pesquisado. Em relação a esse fator, é necessário esclarecer a delimitação do “local” na presente pesquisa. O recorte espacial utilizado é o município de Mostardas, coincidindo com os limites geográficos e políticos já estabelecidos. Isso porque o objeto de pesquisa, é uma prática cultural localizada no interior do município, mesmo exemplo usado por Barros (2013, p.11) para demonstrar o que se enquadraria como “história local”. Portanto, nesse caso, o recorte espacial é tanto físico quanto social.

A História local será feita através do estudo do Responso, um elemento religioso-cultural que constitui uma tradição que se mantém há gerações e pode ser definido, também, enquanto uma prática da cultura popular mostardense. Sobre o estudo da cultura popular, Peter Burke, diz que essa ideia teve origem no mesmo lugar e momento que a História Cultural: fins do século XVIII na Alemanha, quando intelectuais da classe média descobriram as “canções, contos populares, danças, rituais, artes e ofícios” (2008, p.29). Mas, naquele momento deixada aos “amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos”, só passou a ser estudada por historiadores a partir da década de 1960. No que tange à cultura, utilizarei as definições de Clifford Geertz, para o autor o conceito de cultura:

denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2013, p.66)

Assim, na concepção antropológica, o conceito de cultura “Compreende os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em suas coletividades” (VIANNA, 2016).

Visto que no decorrer da pesquisa busca-se desenvolver a compreensão do Responso como patrimônio cultural imaterial de Mostardas, os conceitos de patrimônio cultural e imaterial são essenciais no seu desenvolvimento. Partimos da ideia de que patrimônio cultural é “entendido como todo aquello que socialmente se considera digno de conservación independentemene de sus interes utilitario.” (PRATS, 2000, p.115), ou seja, tudo a que é atribuído valor, tornando-se digno de preservação. No Brasil, a ideia de que patrimônio não se refere apenas ao material e edificado, mas também ao “produto da alma popular, remonta aos anos 1930 e se encontrava no projeto que o poeta modernista Mário de Andrade elaborou para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, em 1936” (SANT’ANNA, 2009, p.54). Gonçalves (2009, p.26) argumenta que patrimônio é “uma categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer

coletividade humana” e aponta que o patrimônio imaterial ou intangível faz oposição ao chamado “patrimônio de pedra e cal”.

Assim, o conceito de patrimônio abrange os bens materiais e imateriais, sendo que patrimônio cultural imaterial ou intangível “designa as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações” (VIANNA, 2016). No Brasil, é o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 que constitui o marco legal para a política de patrimônio cultural imaterial, ampliando a noção de patrimônio cultural. No ano de 2000, o Decreto 3.551, de 4 de agosto, institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).

O conjunto de políticas voltadas para o patrimônio cultural imaterial tem como principais instrumentos o Registro, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) e os Planos de Salvaguarda (CASTRO e LONDRES, 2008).

Llorenç Prats (2005) conceitua patrimônio local e patrimônio localizado, sendo este último aquele cujo interesse transcende a sua localização, ou seja, é um patrimônio de escala maior que “local”. Já o patrimônio local é aquele sobre o qual o interesse se atém à comunidade onde se encontra. É ela que atribui o significado, e é este o fator que mais conta na sua valorização, “convertir, por tanto, lo que es significativamente importante para la comunidad en patrimonialmente relevante, constituye una estrategia espontánea y eficaz de preservación” (PRATS, 2005 p.25-26). A colocação de Prats reforça o compromisso que se tem em, primeiramente, perceber como a comunidade se relaciona com o Responso, se o reconhecimento enquanto um patrimônio imaterial de fato existe e se há o desejo por parte da comunidade de reconhecer formalmente a prática. O autor diz, ainda, que a verdadeira natureza do patrimônio local se baseia na memória, sendo esta, fator determinante sob as referências nas quais a comunidade irá fixar seu discurso identitário.

Assim, falar de patrimônio, é falar de memória, de oralidade e narrativas. A narrativa compartilhada pelos indivíduos faz parte de um exercício mnemônico importante na construção identitária. Portanto, essa pesquisa se baseia nos preceitos teóricos e conceituais da Memória, um tema atravessado por diversas perspectivas disciplinares. Partiremos da contribuição de Maurice Halbwachs, sociólogo responsável por inaugurar o campo de estudos da Memória Social, pensando a memória enquanto fenômeno coletivo dentro das ciências sociais. Halbwachs em “*Los marcos sociales de la memoria*” (2004, p.8) diz que “es en la sociedad donde normalmente el hombre adquiere sus recuerdos, es donde los evoca, los reconoce y los localiza”. Assim, o sujeito não se lembra individualmente, mas enquanto membro de um grupo, influenciado por ele. Para o autor, as lembranças não são revividas tal

como aconteceram no passado, e sim reconstruídas no presente a partir do contexto em que o indivíduo está inserido, com ação direta dos quadros sociais da memória. Esses quadros sociais são o espaço, o tempo e a linguagem. Maurice Halbwachs não traz em sua obra o conceito fechado de memória coletiva, mas Graeff (2018) enquanto seu leitor, a conceitua como sendo o conjunto de lembranças individuais compassadas pelas representações coletivas (essas representações são os quadros sociais).

As concepções de memória do antropólogo Joël Candau (2011) também serão importantes nesta pesquisa. O autor define três manifestações da memória: a protomemória memória propriamente dita e a metamemória. O conceito desta última é o mais relevante no contexto da pesquisa, pois refere-se à construção da identidade: no nível individual relaciona-se ao conhecimento que cada indivíduo possui de sua própria memória e no nível coletivo é aquela que o grupo reconhece como uma memória coletiva ou identitária, ou seja, quando afirmam que tal fato é parte da memória local, regional ou nacional. A metamemória é a representação que o indivíduo, isolado ou coletivamente, faz de si mesmo ou do grupo, é a reivindicação de uma memória.

Para Candau, a protomemória e a memória propriamente dita, pertencem à categoria individual, não podendo ser compartilhadas. E a metamemória, enquanto representação da memória pode ser compartilhada e assim, se referir à memória coletiva. Desse modo, faz sua crítica à Halbwachs, que acredita que as memórias individuais atravessadas pelos quadros sociais constituem a memória coletiva. O fato é que “a memória não se reduz ao ato de recordar” (DELGADO, 2003, p.17), essa faculdade carrega inúmeros significados e:

ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa (Ibidem, p. 19).

Bosi diz que “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem” (1987, p.18), assim, as recordações de cada indivíduo são externalizadas através das narrativas, que sob a forma de registros orais ou escritos são responsáveis pelo movimento de contar e de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo (DELGADO, 2003).

Pesquisar o “Responso” não seria possível senão, principalmente, através das fontes orais. Por ser uma prática singular em seu modo de fazer, é necessário ouvir os detentores desse saber ou dom, bem como daqueles por ele beneficiados. Assim, é a fala dos sujeitos envolvidos que delineará os rumos da pesquisa. Raphael Samuel, em seu artigo “*História Local e História Oral*” (1990, p.231) diz que “ainda há certos tipos de pesquisa que apenas

podem ser realizados com a ajuda de uma testemunha viva e áreas completas da vida nas quais suas credenciais estão acima de questionamento.” Acredita-se ser este o caso nesta pesquisa.

Delgado define a história oral como “uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (2003, p.23). E Candau diz que “os testemunhos orais adquiriram um forte valor patrimonial para as coletividades territoriais que veem neles peças essenciais da cultura local: histórias da vida quotidiana, antigos ofícios, festas de aldeia, práticas religiosas [...]” (2005, p.163). Essa ideia vem perfeitamente ao encontro da pesquisa, visto que as narrativas dos “responsadores” adquirem valor patrimonial, pois são eles os detentores do saber referente à prática investigada.

Sobre o tipo de entrevista a ser realizado, no caso dos “responsadores” se fundem a história oral de vida e a temática, na medida em que desejamos conhecer suas histórias, contexto de vida, bem como entender as motivações e/ou circunstâncias que os levaram a desenvolver a prática e em que momento isso se deu, assim como questões mais específicas sobre a forma como é feito o responso e a partir de quê.

As entrevistas realizadas com a amostra da comunidade são de história oral temática, pois o interesse se atém, especificamente, nas suas observações, percepções e relatos pessoais sobre o responso.

Responso: uma prática feminina

Nas entrevistas, seja com quem faz o Responso ou com as pessoas da comunidade, é questionado se conheceram ou lembram de ouvir contar sobre responsadores mais antigos, além dos que existem no presente. Dessa indagação surgiram vários nomes, todos de mulheres, senhoras católicas e já falecidas, que apenas faziam a oração pedindo ao Santo pelo objeto perdido, sem nada dizerem. Dona Terezinha⁹, responsadora que será apresentada em seguida, diz que “eu conheci a Dona Ana, eu conheci a minha avó [Fausta], a Dona Sueli”, outra entrevistada, Ana Lúcia Libano¹⁰, também lembrou da “Vó Sulina” e da dona Ione, a quem chegou a questionar como se fazia o Responso, pois tinha interesse em aprender:

a dona Ione [...] até me deu a oração que era cinco minutos diante do Santo Antônio e que tu acendias uma vela e fazia a oração, ela não via nada, assim,

⁹ Entrevista realizada em 1/09/2019.

¹⁰ Entrevista realizada em 1/09/2019.

não identificava nada onde é que poderia tá, ela só rezava pra ele [...] achar, a pessoa encontrar. (Ana Lúcia Souza Libano, 2019)

Ana Lúcia conta da decepção ao ouvir que era uma questão de fé, não havendo nenhum tipo de sobrenaturalidade:

Eu fui me informar porque eu achei que tinha algumas características particulares, assim, da pessoa que ia responsar, aí eu queria aprender... como não tinha eu fiquei meio desiludida, que eu achei que tinha alguma coisa, assim, além... aí não tinha, só mandaram fazer a oração e acender uma vela, realmente é na base da fé mesmo, tu tem que acreditar e fazer [...] e aguardar que vai aparecer [...] eu me decepcionei, eu acho que eu achei que tinha mais alguma coisa. (Ana Lúcia Souza Libano, 2019)

Dona Ione, assim como Vó Sulina e as demais responsadoras que antecedem a geração de dona Terezinha “não viam nada”, assim, comparando as do passado com as do presente, é um fator de destaque a presença da “visão”, que marca a prática do Responso atualmente. Ana Lúcia fala sobre a visão como um dom: “acredito que é o dom da pessoa [...] ter mais uma... sensibilidade [...] vai mais pro misticismo, não sei que que é” e que o fator decisivo para essa característica não deve ser pela questão da religião:

pois é, é uma coisa engraçada, assim, [...] a dona Sueli, que sempre foi bem participante na igreja Católica, ela nunca via nada[...] ela disse que nunca via onde poderia tá, só rezava pra aparecer, rezava com muita fé. E a dona Ione também era bem católica e dizia que não via nada, só responsava pra aparecer [...] E já a Terezinha é bem católica também, bem participante, e ela diz que vê onde tá. (Ana Lúcia Souza Libano, 2019)

Em Mostardas, a maioria das pessoas que fazem o Responso são de religião católica, seguindo a linha das responsadoras mais antigas, mas também tem responsadores que seguem religião de matriz africana e evangélica. Entre os responsadores atuais, foram identificados nas entrevistas já realizadas além da dona Terezinha: seu Nilo, dona Iolanda, tia Irma e a filha Jurema, dona Vera Marta e a filha Edmara. É frequente que os responsadores(as) mapeados no presente consigam “ver” e descrever o local onde está o objeto/animal perdido. Seu Nilo¹¹ já foi entrevistado, ele afirma que o Responso dele não é

¹¹ Entrevista realizada em 1/09/2019.

o tradicional, pois não o faz “com vela, com santo”, se tratando de um dom dado a ele por Deus. As demais mulheres ainda não foram entrevistadas.

Assim como acontece no caso das benzedadeiras, ofício em que é mais comum encontrar mulheres, no Responso também o é. Talvez porque, historicamente, os ofícios de cura, cuidado e ajuda com o outro tenham sido deixados ao encargo das mulheres, colaborando para a afirmação no feminino das práticas que pendem para a sensibilidade. Além de que, como dito por Rubino e Fontenele (2020, p. 133) “nesses saberes tradicionais, o peso da oralidade e da transmissão pelo saber e fazer é característico da atuação feminina”. As autoras reivindicam que os estudos de patrimônio devem incluir as questões de gênero e história das mulheres em suas análises, e propõem que se avance nesse sentido em três eixos: 1) presença feminina na história das políticas de preservação no Brasil, 2) preservação da memória das domesticidades nas casas, nos conjuntos e nos edifícios preservados, ou seja, da vida privada dos bens e 3) a experiência brasileira que trata do registro de patrimônio imaterial com protagonismo feminino, como é o caso das paneleiras em Goiabeiras (ES), registrado no livro dos saberes no ano de 2002. Protagonizada por mulheres, a prática do Responso, discutida nesse trabalho, soma-se ao terceiro eixo de estudos mencionado.

O responso de seu Nilo e o responso de dona Terezinha

A prática do responso é complexa e diversa, constatação que fica ainda mais evidente após a realização de entrevistas com dois “responsadores” da cidade de Mostardas. Através das falas dos entrevistados nota-se que há mais de um tipo de Responso, ou que este é bastante sincrético.

No caso de Nilo Ferreira Chaves, 73 anos, um dos mais conhecidos e respeitados de Mostardas, o Responso não é feito a partir da oração a Santo Antônio, ele inclusive reconhece que a prática dele, provavelmente, não se trata do “Responso” popularmente conhecido, embora chegue aos mesmos resultados que aqueles que fazem uso da oração:

[...] quando se fala em responso, que o Nilo responsa, o meu não é Responso, isso é uma revelação que Deus me dá. É diferente. O responso que o pessoal faz aí é com vela, com santo, compreende... e eu não, eu é... o que tu pede eu me concentro, me ajoelho, eu oro, e Deus me mostra direitinho uma coisa tua, se roubaram, ou se perdeu, eu te digo onde é que tá [...] é dinheiro, é documento, é cavalo, é gado, o que vem aí sempre dá certo. (Nilo Ferreira Chaves, 2019)

Seu Nilo ou “Tio Nilo”, como é conhecido na região, começou a “responsar” por volta dos 46 anos de idade, mas desde “guri” fazia benzeduras que aprendeu com os avós. Mais velho, ao tornar-se membro da Igreja Evangélica, seu dom foi inicialmente criticado, mas

optou por prosseguir com suas práticas de benzedura e responso e diz que “no lugar de eu benzer como se dizia, eu faço oração, eu oro pelas pessoas, eu oro pra os bichos... quem quiser falar que fale, mas eu faço.” Dessa forma, a religião alterou o modo de se referir à prática, mas não o modo de fazer. Ele conta que muitas pessoas de Tavares, município vizinho, vêm até Mostardas à procura das suas orações de cura e Responso.

Ele também é mestre de Terno de Reis. Incluído nas práticas culturais citados pela Lei nº 2744, o Terno de Reis é um canto em versos, no qual o Mestre canta versos e o grupo, formado por aproximadamente seis pessoas, responde também cantando. Antigamente, o grupo visitava as casas onde tinham mais moças, para se apresentar. Seu Nilo conquistou várias premiações em festivais de Terno de Reis em diferentes cidades.

Sobre o Responso, seu Nilo sempre afirma a existência de um dom “Deus me deu esse dom [...], e eu vou continuar enquanto eu existir. Não cobro nada de ninguém” e acredita que dentre sua grande família, formada por oito filhos, dezessete netos e dois bisnetos, alguém irá “pegar esse ramo”, pois “Deus coloca um no lugar da gente [...]”.

O Responso não é feito na frente da pessoa que o procura, o(a) responsador(a) se retira a outro cômodo para realizar o “ritual”. Por isso, é recorrente ouvir que no Responso existe um segredo que não é dito a ninguém, o que o leva a ocupar um lugar de destaque no imaginário popular. Isto posto, nas situações de entrevista foi perguntado com cautela o que poderia ser dito sobre a forma de fazer o responso, e a resposta dada por Terezinha foi de que não existe segredo algum, apenas fé. Terezinha de Jesus Machado Araujo, 68 anos, é católica e define o responso como “uma oração de fé feita a Santo Antônio, pedindo pra ele mostrar às pessoas as coisas perdidas”. Sobre a forma de fazer e como começou a responsar:

Sabrina: E como que a senhora faz?

Terezinha: Eu rezo. Assim ó, é o responsório ou responso de Santo Antônio, é uma oração só de pedido e a gente tem que ter fé... tá, só faço assim e... peço aquilo que a pessoa perdeu.

[...]

Sabrina: Sim, e a senhora aprendeu? [...] Como a senhora começou? [a responsar]

Terezinha: Pela fé, eu fazia assim ó, eu tenho esse meu livro de orações, eu rezo pra Santa Rita, rezo pra Santo Antônio, eu rezo pros santos, gosto muito de santos, eu acredito em santos, e aí comecei a fazer essa oração de Santo Antônio. (Terezinha de Jesus Machado Araujo, 2019)

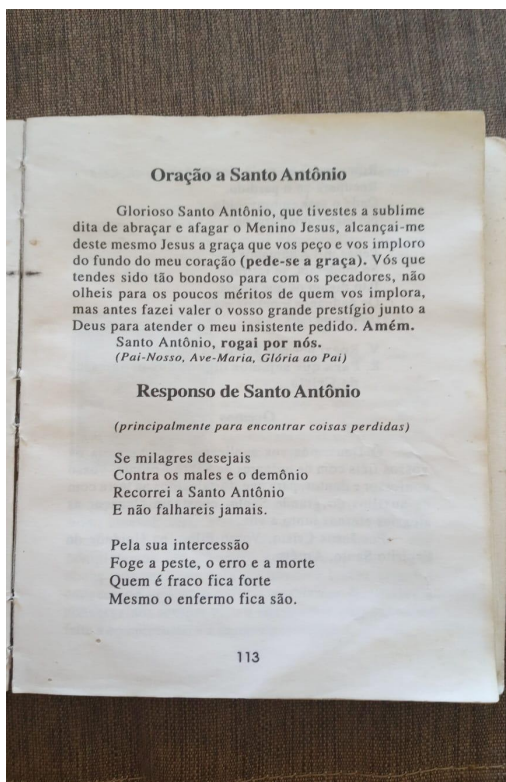


Figura 1. Oração a Santo Antônio (parte 1).
Fonte: Acervo pessoal de Terezinha Araujo.

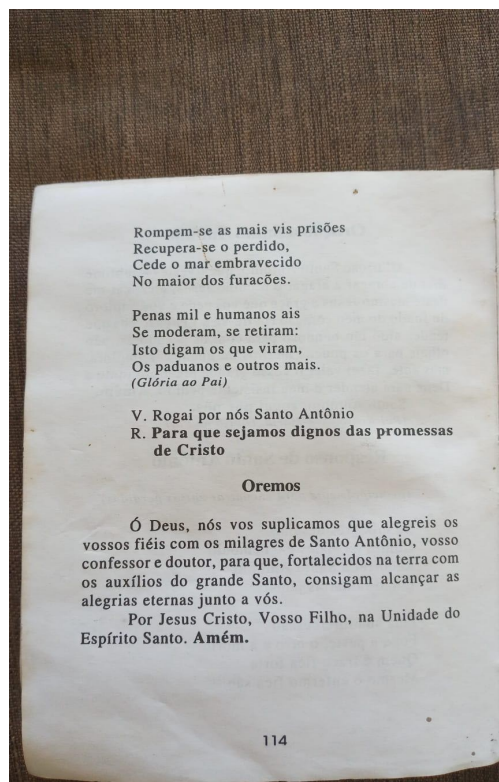


Figura 2. Oração a Santo Antônio (parte 2).
Fonte: Acervo pessoal de Terezinha Araujo.

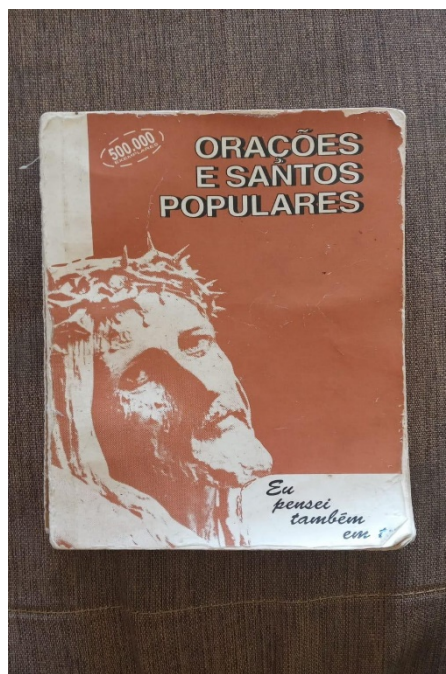


Figura 3. Capa do livro Orações e Santos Populares onde consta a Oração a Santo Antônio, utilizada por Terezinha Araujo para realizar o Responso. Fonte: Acervo pessoal de Terezinha Araujo.

Ela diz que a oração deve ser feita como qualquer outra, acreditando e pedindo que Santo Antônio devolva o que está perdido. Uma vela é acendida no momento da oração, como é habitual entre os católicos ao rezar. Dona Terezinha conta que começou a “responsar” já mais velha, não faz tantos anos.

Sobre a persistência do Responso ao longo dos anos, dona Terezinha diz que “essa história de responsar pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos [...] aqui tem e sempre teve, isso aí eu posso te garantir”. Assim, interpreta-se que o Responso constitui uma prática tradicional no município, que resiste através das gerações.

Diferente do que acontece com Seu Nilo, para Dona Terezinha a “visão” não é tão simples, e por vezes, não aparece. Ela diz que “às vezes se enxerga, nem sempre”, porque depende de como está se sentindo, tem épocas em que está bastante desanimada e épocas em que está melhor para “responsar e mostrar as coisas”.

Ambos os responsadores entrevistados dizem que se sentem bem em fazer o Responso, pois estão ajudando as pessoas e ficam muito felizes quando têm o retorno de que encontraram o que procuravam.

Os “utilizadores”

Serão chamados de utilizadores aquelas pessoas que buscam o Responso, que o utilizam. O grupo de pessoas entrevistadas entre a comunidade será, necessariamente, bastante diversificado, abraçando pessoas das diferentes gerações, religiões, grupo social, local de moradia etc. No entanto, esse grupo ainda não foi efetivamente selecionado, mas compartilharei relatos de duas entrevistas já realizadas.

Nas entrevistas com os utilizadores é perguntado à pessoa como ela explicaria o que é o responso para alguém que não conhece. A colaboradora Ana Lúcia Libano disse que o Responso é uma coisa muito antiga e que os pais sempre falavam que se perder uma coisa tinha que “mandar responsar”. Sobre o modo de fazer, diz que “eles acendem uma velinha pra Santo Antônio e fazem uma oração e aí aparece o que tu perdeste. Tem uns que colocam que enxergam onde pode estar, tem outros que não [...]”.

Alberi Santos Araujo¹², outro colaborador, conta que sempre procura responsadores mais velhos, por volta dos 70 anos, pois confia mais, e que geralmente o que ele manda responsar dá certo. Ele compartilhou dois relatos de duas vezes em que mandou responsar, o primeiro sobre um roubo de gado que foi responsado por duas pessoas:

¹² Entrevista realizada em 20/09/2019.

Aquela vez o gado da mãe... a Dona Iolanda disse e o tio Nilo disse “esse gado tem tantos bichos presos num piquete *assim e assim* atrás de uma casa velha” e estavam lá. [...] Foi roubado um gado da minha mãe, no responso de duas pessoas falaram que o gado estava em um piquete numa chácara velha abandonada. E nós fomos lá, achamos quatro rês lá nesse piquete, estavam lá, não todo o gado, mas eles disseram que tinha mais ou menos tantos rês lá e tinha mesmo. Nós chegamos lá e um até já tinha morrido, estavam há muito tempo presos [...] e os outros já tinham vendido (Alberi Santos Araujo, 2019)

A respeito de mandar responsar em mais de uma pessoa, Ana Lúcia confirma a “tática”, contando que “antigamente sempre diziam assim, que a gente mandasse responsar em três, mas nunca um sabendo do outro”. Ela perdeu um óculos e diz que mandou responsar com a dona Terezinha e com o seu Nilo, e ambos disseram estar num lugar escuro.

O outro relato do senhor Alberi é sobre um episódio de assalto à sua casa:

Aquela vez que arrombaram aqui, te lembra? Roubaram a minha jaqueta [...] Jaqueta, bujão, rádio, ferro de passar [...] “tá bem pertinho” o responso falou, o tio Nilo, “essas coisas ainda estão aí, tu vai conseguir um pouco” o bujão nós conseguimos, a única coisa que não, foi a jaqueta, o resto conseguimos de volta. Ele disse que tava tudo pertinho de casa, e tava mesmo, porque o cara [que roubou] morava aqui na frente, a polícia veio ali ainda tava o bujão, não conseguiu vender, o rádio... só minha jaqueta que ele vendeu... (Alberi Santos Araujo, 2019)

Seu Nilo, viu no responso que os objetos estavam perto da casa de onde haviam sido furtados e que alguns seriam recuperados. Recorrendo à polícia, foi descoberto que o furto havia sido feito pelo vizinho que morava na casa da frente e, de fato, recuperaram todos, menos a jaqueta que havia sido vendida.

Para finalizar essa breve exposição dos resultados parciais com base nas entrevistas já realizadas, trago um ponto em comum nas quatro entrevistas citadas: a necessidade da crença de todos os envolvidos. Aquele que procura o Responso deve acreditar na sua eficácia, e o responsador deve fazer o Responso com fé. Ana Lucia disse que a fé é determinante no sucesso da procura: “tem que acreditar no que que tu tá fazendo. [...] se tu faz por fé, se tu é católico e faz por fé, tu já tá acreditando naquilo, [...] até o olhar é diferente pra procurar”. Alberi Araujo também fala com clareza que a crença é um fator determinante: “o Responso só tem que acreditar, né [...] eu acredito”. Quando questionada se o Responso era algo passado à outra pessoa ou ensinado, dona Terezinha respondeu que “tem que rezar e acreditar”, pois “tem que ser um pedido de fé”. E sobre quem busca o responso, também:

Sabrina: E não adianta tu pedir pra responsar se tu não acredita também, né?

Terezinha: Ah, é, é verdade, não adianta. É isso aí [...]

Por fim, Seu Nilo sintetiza bem essa ideia a partir da fala: “eu faço com fé, e o pessoal vem com fé, né, dá tudo certo”. Essa relação de crença pode ser entendida a partir do exemplo de cura xamânica, desenvolvido por Levi-Strauss em “*A Eficácia Simbólica*” (1975). Com o acréscimo do coletivo, ele explica que a cura xamânica só se realiza se o curandeiro acreditar no seu poder, se o paciente acreditar que o xamã tem poder e confiar nele e se houver um coletivo que acredite tanto no curandeiro quanto no seu poder de cura e na cura do paciente. Desse modo, através da tríade da crença, a eficácia simbólica da tradição do Responso se mantém na comunidade.

Considerações Finais

O Responso é uma prática singular que desperta curiosidade, sobretudo pelo fato de existirem pessoas capazes de guiar a outras na busca por objetos perdidos. Para além desse fator, dentro do campo de estudos patrimoniais e culturais, o Responso pode ser visto enquanto alvo de pesquisa, capaz de ser investigado dentro de um olhar científico.

Essa investigação também se dá pela ausência de registros a respeito do Responso, que ainda não foi devidamente pesquisado. Tal falta evidencia a lacuna existente na produção científica acerca do tema, a qual buscamos preencher. Em paralelo a isso, assim como ocorre com outras práticas culturais, a exemplo do benzimento, o Responso corre o risco de ser extinto, visto que há dificuldade em encontrar responsadores novos. Mesmo que os mais recentes tenham chegado à prática por meio de familiares, não é uma regra que ela seja passada adiante através das gerações. Assim, não há nenhuma garantia da sua continuidade e, a iminente perda da prática faz com que o registro se torne ainda mais necessário e urgente.

A pesquisa está no início do seu desenvolvimento, tendo ainda muito a ser investigado. Apenas dois responsadores foram entrevistados até o momento e esperamos poder conversar com pelo menos quatro, dos sete mapeados, além de amostra da comunidade enquanto grupo bastante diversificado, abraçando pessoas das diferentes gerações, religiões, grupo social, local de moradia etc.

As mulheres são as figuras principais do Responso e, com base nesse fato, pretendemos explorar mais esse protagonismo, buscando compreender seu papel na transmissão e permanência dessa tradição popular.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. **O Lugar da História Local**. São Paulo: Intervenções, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Quieroz Editor, 1987.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2ª ed. rev., e ampl., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAMARGO, Adilson. Ver objetos perdidos é 'dom' que caminha para a extinção. **JCNET**. 21 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2009/06/600262-ver-objetos-perdidos-e-dom-que-caminha-para-a-extincao.html> acesso em: 22/09/2020
- CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de; LONDRES, Maria Cecília. **Patrimônio Imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.
- CHAVES, Cátia Simone da Silva. **Lago do Segredo: Saberes e Práticas Educativas de uma Rezadeira de Responso da Amazônia Bragantina (Segredinho-PA)**, 2014. 102f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória, identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A Religião Popular Portuguesa**. 2ª ed, Lisboa: Assírio&Alvim, 1990.
- BAGGIO, Camila. Esqueceu onde está? Reza o 'Siqueris'! O Florense. **Jornal o Florense**, Flores da Cunha. 28 set. 2014. Disponível em: <https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/esqueceu-onde-esta-reza-o-siqueris-/4531>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- GRAEFF, Lucas. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva In: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa M. G (orgs.) **Memória Social, Revisitando autores e conceitos**. Canoas: Editora Unilasalle, 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **Los cuadros sociales de la memoria**. Rubi/Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais: estratégias de manutenção de um campesinato negro no Litoral Negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente).** 2018.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades e Estados.** IBGE, 2021.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/mostardas.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

PÓVOA, Liberato. Você Sabe o que é responsar? O responso de Joaquim de Azevedo era tiro e queda. **Diário da Manhã**, 17 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.dm.jor.br/opiniao/2017/12/voce-sabe-o-que-e-responsar-o-responso-de-joaquim-azevedo-era-tiro-e-queda> acesso em: 22/09/2020

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Cuadernos de antropología social**, n. 11, p. 115-136, 2000.

PRATS, Lorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 21, 2005. p.p. 17-35. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7173998> acesso em: 06/10/2020

RUBINO, Silvana; FONTENELE, Sabrina. Mulheres e Patrimônio. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Ed.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos.** Editora da Unicamp, 2020.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, V.09, nº19, páginas 219-243, set.1989/fev.1990.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

Fontes Orais

ARAUJO, Alberi Santos. [55 anos]. [set. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 20 set. 2019. 1 arquivo MP3 (42 min. 03 seg.).

ARAUJO, Terezinha de Jesus Machado. [66 anos]. [set. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 01 set. 2019. 1 arquivo MP3 (13 min. 34 seg.).

CHAVES, Nilo Ferreira. [71 anos]. [jun. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 21 jun. 2019. 1 arquivo MP3 (33 min. 25 seg.).

LIBANO, Ana Lúcia Souza. [53 anos]. [set. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 01 set. 2019. 1 arquivo MP3 (31 min. 11 seg.).